

## O envolvimento de Moscovo na política de estado e na guerra de contra-insurgência em Angola (1975-1987)

Por: *Kelly Cristiana Araújo*<sup>179</sup>

### Introdução

A expressão de um interesse efectivo da União das Repúblicas Socialistas Soviéticas, a URSS, pelo continente africano remonta, pelo menos, aos anos 1950. De facto, as relações entre Angola e, especificamente, o Movimento Popular de Libertação de Angola, MPLA de ora em diante, e a URSS se iniciaram muito antes da independência, isto é, ainda no contexto da luta anti-colonial. No entanto, até à década de 1970, a aproximação soviética à África foi esparsa, pouco eficaz e, em grande medida, dependente de circunstâncias internacionais. Nesse sentido, resultavam mais do desejo de alguns líderes específicos do que de uma política de Estado orientada para aquele continente.

Com efeito, é provável que Moscovo tenha preferido evitar uma participação mais extensa em Angola antes de 11 de Novembro de 1975, data definida pelo Acordo de Alvor para a independência do país. Efectivamente, os soviéticos esperavam que o MPLA fosse capaz de declarar-se como governante legítimo de Angola independente e, posteriormente, solicitasse ajuda soviética por meios diplomáticos, num patamar de Estado a Estado. Outro factor relevante no atraso destas relações é o facto de a URSS não haver criado um serviço de transporte aéreo militar para uma distância tão longa desde as guerras no Oriente Médio, em 1973, consideradas na altura como uma prioridade em relação à África<sup>180</sup>.

Ainda assim, além do objectivo imediato de assegurar a tomada do poder pelo MPLA, inúmeros outros objectivos de natureza política, diplomática, ideológica, estratégica e económica, ajudaram a definir a decisão soviética de intervir em Angola. Uma vez que a independência foi proclamada e as dificuldades iniciais da guerra civil foram superadas, o primeiro marco importante na relação soviético-angolana foi a visita do presidente Agostinho Neto a Moscovo, em Outubro de 1976. Na ocasião, Neto deixou claro o

<sup>179</sup> Escola de Economia de São Paulo, Fundação Getúlio Vargas, Brasil.

<sup>180</sup> Ficheiros da Central Intelligence Agency (CIA), “Soviet and Cuban Intervention in the Angolan Civil War, Março de 1977. CIA Case Number: EOWar, Março de 1977. CIA Case Number: EO-1977-00620. Disponível em: [https://www.cia.gov/library/readingroom/docs/DOC\\_0000518406.pdf](https://www.cia.gov/library/readingroom/docs/DOC_0000518406.pdf) (Acedido em 10 de Abril de 2016).

## REGARDS CROISÉS FRANÇA MOÇAMBIQUE

seu desejo de intensificar os laços diplomáticos entre os dois países, bem como o seu interesse pelo envolvimento em políticas comuns, tais como expressas através de inúmeros acordos de cooperação assinados por Luanda e Moscovo<sup>181</sup>.

Desde a vitória do MPLA na primeira fase da guerra civil, os soviéticos trabalharam para consolidar a sua posição numa Angola independente, entendendo que o país poderia servir como uma base a partir da qual pudessem montar operações e exercer uma influência militar e política em outras partes da África Austral. Apesar de bases militares soviéticas não terem sido instaladas de facto em Angola, no modelo daquelas construídas no Chifre de África, a presença militar e influência política não podem ser negligenciadas – a ideologia soviética exerceu ali uma influência notável em comparação com outros países no mesmo contexto. Isto pode ser visto não só através dos discursos oficiais, salpicados de referências elogiosas à URSS, mas na afirmação constante de que Moscovo era um modelo, um guia, um farol e bastião do socialismo no mundo.

É importante mencionar que desde a sua chegada à chefia do Estado, o governo do MPLA instituído em Luanda tinha a sua pretensão ao monopólio do poder desafiado pela resistência armada de grupos de contestação, por razões diversas e em graus diversos. Aqui, o Bloco do Leste foi a principal fonte consultora e de auxílio a esse regime que, a despeito do vasto apoio soviético, teve dificuldade para vencer as insurreições. Neste capítulo, a implicação de Moscovo na guerra contra-insurrecional em Angola será examinada em função das seguintes questões: i) se tais actividades foram guiadas por uma doutrina política e militar específica; ii) quais as abordagens estratégicas e tácticas para tal guerra; iii) qual a extensão da influência de factores não-militares, tais como a situação económica em Angola, a política regional, e as questões de rivalidade Leste-Oeste. Por fim, este capítulo avalia a eficácia dos esforços soviéticos na guerra de contra-insurreição em Angola, bem como as possíveis vulnerabilidades e problemas resultantes do engajamento de Moscovo no continente africano.

<sup>181</sup> Ver, por exemplo, os documentos da Conferência Prático-Científica “40 anos juntos: 1961-2001”, realizada em Moscovo, em Março de 2001, na ocasião do aniversário de 40 anos do início da cooperação política e militar soviética em Angola.

### **O envolvimento militar e político-ideológico da URSS em Angola (1970-1987)**

Ao longo dos anos 1970, a União Soviética cultivou um crescente optimismo sobre as perspectivas de uma relação de trocas favoráveis e de expansão da sua influência no chamado Terceiro Mundo. Em Angola, Moscovo não apenas ajudou o MPLA a aceder ao poder, mas também promoveu esforços para consolidar e sustentar a posição do regime pós-colonial, incluindo através da deslocação de reforços para auxiliar o governo independente a construir uma sociedade de base marxista-leninista. Portanto, se num momento de luta anti-colonial Moscovo apoiou os insurgentes, então protagonistas do movimento de independência contra Portugal, o país colonialista, no período pós-independência passou a envolver-se em guerras de carácter de contra-insurgência<sup>182</sup>, de manutenção do poder instituído.

Tudo leva a crer que não havia uma doutrina socialista de contra-insurreiçã, uma vez que os soviéticos não reconheciam qualquer legitimidade aos insurrectos e suas reivindicações, e atribuíam a existência dos movimentos de insurreiçã a interferências externas (GALULA, 1964; KITSON, 1971; WOLF Jr., 1965; CHALIAND, 1985, 1994). Este discurso foi igualmente utilizado pelo governo angolano ao tratar da UNITA, a quem sempre chamou “fantoques”, “lacaio do imperialismo”, entre outros termos que veiculam a ideia de uma “não-personalidade” interna do movimento (MPLA 1977: 135). De uma forma geral, a abordagem militar e política de Moscovo conferiu baixa importância para a necessidade de uma acção política na zona de guerra, pelo menos naquilo que ultrapassava a actuação dos seus comissários políticos. Na frente militar, os conselheiros soviéticos defenderam consistentemente uma combinação de armas de varredura - que lembravam os planos de batalha para a Europa - em vez de tácticas de pequenas unidades, tais como recomendadas pelas teorias de contra-insurgência<sup>183</sup>, conforme noticiou o periódico soviético *Izvestiia*<sup>184</sup>.

<sup>182</sup> Neste capítulo, entendo contra-insurgência como as medidas militares, paramilitares, políticas e psicológicas adoptadas por um governo para eliminar focos de insurgência, definida como “an organized movement aimed at the overthrow of a constituted government through the use of subversion and armed conflict” (Estados Unidos da América, 2007: 2). Em português: “um movimento organizado que visa retirar do poder um governo constituído através da subversão e do conflito armado”.

<sup>183</sup> Um dos maiores teóricos e pesquisadores sobre as guerras de contra-insurgência, David Galula (1964) propõe uma série de etapas para a realização de uma boa estratégia. Galula sugere que, no quadro de uma insurgência, a população será composta de uma minoria favorável, uma maioria neutra e uma minoria hostil. Uma importante táctica consiste em que o governo encontre a minoria da população que lhe é favorável para organizar e mobilizar a população neutra maioritária contra a minoria insurgida.

<sup>184</sup> *Izvestiia*, 5, de 3 Março de 1984.

## REGARDS CROISÉS FRANÇA MOÇAMBIQUE

Na maioria das guerras nas quais tomaram parte em África, os soviéticos não se detiveram longamente nos aspectos sociais e políticos das operações. Esta falta de atenção ao aspecto político e social no domínio da guerra anti-insurrecional advinha de múltiplas causas: ainda que os conselheiros soviéticos estivessem presentes, mesmo ao nível do batalhão, era grande a falta de informações sobre as condições locais e quase nulo o domínio da língua portuguesa, conforme poderemos constatar nos depoimentos dos soldados que foram enviados para Angola (TOKAREV, 2001; SHUBIN, 2007), os quais analisarei abaixo.

Se tomarmos como quadro comparativo a incursão soviética no Afeganistão, melhor conhecida e analisada pelos especialistas, e a estendermos ao caso dos parceiros africanos, poderemos encontrar similaridades na abordagem da contra-insurreição e no enfrentamento dos problemas mais evidentes, como a falta de conhecimento dos soldados sobre o terreno e as populações, e a investida militar nos moldes das grandes guerras europeias (REESE, 2000: 170). No domínio militar, a construção de grandes e bem equipados exércitos convencionais contribuíram para assegurar áreas economicamente vitais e zonas urbanas, mas a ênfase contínua sobre as campanhas militares perpetuarem uma rigidez táctica que nem sempre estava bem adaptada à natureza fluida das guerras de guerrilha nos teatros africanos.

Esta inflexibilidade, somada à falta de doutrina formal para tratar os diversos aspectos do problema, acabou por entravar os esforços de contra-insurreição. Portanto, se é verdade que o auxílio soviético aos seus principais parceiros africanos que na altura enfrentavam grandes insurreições internas – Angola, Etiópia e Moçambique – não conseguiu eliminar as guerrilhas, não deixou de ter um papel relevante na manutenção dos regimes no poder. Assim, a acção soviética não buscava uma vitória absoluta e rápida, mas levava a cabo uma política de longo prazo, que objectivava a consolidação do poder e da autoridade do estado parceiro, a expansão do domínio físico controlado pelo último e a eliminação das forças políticas alternativas – embora, ainda assim, nunca deixasse de insistir, ao mesmo tempo, na presença militar contra os insurrectos.

Assim, em Angola os soviéticos procuraram promover o fortalecimento do Estado não apenas no aspecto da segurança, mas também naquilo que tangia aos seus aparelhos políticos e económicos. Nesse sentido, a ênfase recaiu sobre a oferta em larga escala de material de apoio e assessoria para as forças militares aliadas, possibilitando a criação de um grande contin-

## A LUTA CONTINUA, 40 ANOS DEPOIS: HISTÓRIAS ENTRELAÇADAS DA ÁFRICA AUSTRAL

gente de forças militares convencionais, as quais eram utilizadas para proteger a capital, Luanda, as grandes cidades e as regiões economicamente vitais. Desta forma, o objectivo principal era expandir as áreas sob controle do Estado e empurrar gradualmente os insurgentes para as zonas de fronteira. No cenário internacional, o apoio soviético continuado ao Estado angolano buscava garantir o reconhecimento global do mesmo e, conseqüentemente, deslegitimar as reivindicações dos insurgentes (DER HEYDTE, 1990; GALULA, 1964).

Resumidamente, a URSS formou e equipou as suas forças aliadas de acordo com o modelo soviético para responder, principalmente, a uma ameaça convencional. A minha análise, ainda que não completa, indica que a abordagem dos conselhos militares soviéticos para os parceiros africanos em guerras de contra-insurgência, em grande medida, reflectem os conceitos militares soviéticos mais conservadores (EDWARD, 2003). Por exemplo, insistiu-se na criação de enclaves de segurança em torno dos elementos vitais da base política e administrativa do Estado parceiro, ao mesmo tempo que eram levadas a cabo grandes campanhas visando a destruição dos insurgentes através da desestabilização dos seus domínios de base e impedimento do seu abastecimento, o que criava a necessidade de grandes estratégias nos domínios da logística, do comando e do controle, do reconhecimento e da informação sobre as forças inimigas. Mais uma vez, isto vem demonstrar que, para os soviéticos, a consolidação do Estado parceiro a longo prazo era uma condição *sine qua non* para a vitória sobre a insurgência interna.

Angola, assim como a maior parte dos aliados soviéticos no chamado Terceiro Mundo, era classificada como um “Estado democrático revolucionário de orientação socialista”<sup>185</sup>. Ora, a transição para um socialismo “autêntico” demandava um processo longo e difícil, que necessitava superar vários factores: por exemplo, poderia haver falta de uma classe trabalhadora significativa, dificuldade em encontrar líderes militares e intelectuais bem capacitados, a fragilidade da base económica e a persistência do pensamento religioso e dos laços étnicos e regionais. Ainda assim, entre os teóricos soviéticos defendia-se a ideia de que, em se tratando da difusão do pensamento marxista-leninista em África, era necessário primeiramente formar um forte quadro político-institucional para implantar a revolução a despeito de quaisquer adversidades (GROMIKO, 1983).

<sup>185</sup> Apenas Cuba e Vietname eram considerados inteiramente “socialistas”, por serem capazes de ampliar a influência soviética em suas regiões (Gaiduk 2012).

## REGARDS CROISÉS FRANÇA MOÇAMBIQUE

Em Angola, o alinhamento ideológico com o pensamento marxista-leninista traduziu-se numa política de promoção de uma identidade nacional e de um sentimento de pertença à nação angolana que eram política e ideologicamente atrelados ao Partido-Estado. Por outras palavras, um projecto de construção de um homem novo. Se num primeiro momento de luta anti-colonial, a conscientização política tinha tido como objectivo denunciar os desequilíbrios, sobretudo ao nível social, provocados pelo colonialismo (LOPES, 1982), num segundo momento, o da implantação do Estado no pós-independência, o homem novo deveria ser o fio condutor para o estabelecimento de uma nova sociedade, assente em novos princípios políticos e cívicos. Para o regime instituído, Angola independente já não comportava mais um homem “reaccionário”, entendido aqui como tendo enraizadas as suas particularidades étnicas ou regionais, ou um “assimilado”, produto da política colonial.

Propagava-se, portanto, um ideal de nação unificada, que tendia a homogeneizar o *homem angolano* através da politização da sociedade como um todo, uma vez que esta deveria ser portadora de uma cultura *científica, popular e revolucionária*, assim como o novo homem angolano deveria estar ao serviço da revolução social, e desta forma adequar-se aos princípios adoptados e defendidos pelo Estado na sua árdua tarefa de realizar a unificação nacional. A construção deste *homem novo* era realizada por diversas vias, sendo uma das mais proficuas – e à qual Moscovo atribuía grande importância – a constituição das “organizações de massa”. Reconhecidas como parte vital do processo de consolidação de um Estado de “orientação socialista”, estas organizações seriam órgãos estatais criados com a participação activa das massas trabalhadores, e onde estas últimas podiam desempenhar um papel activo no controlo e gestão da produção (GROMIKO, 1983).

Aos olhos soviéticos, muitas eram as referências favoráveis às instituições como os sindicatos, as organizações locais de cidadãos e de camponeses, dos jovens, das mulheres e outras organizações profissionais<sup>186</sup>. Essas instituições tinham inúmeras funções importantes para a nova liderança marxista-leninista no país, pois forneciam um mecanismo de penetração estatal e controlo dos diversos sectores sociais e profissionais. Para além de permitir ao Estado cooptar a actividade política dos diversos grupos, também eram mobilizados como formas de promover a consciência nacional

<sup>185</sup> Apenas Cuba e Vietname eram considerados inteiramente “socialistas”, por serem capazes de ampliar a influência soviética em suas regiões (Gaiduk 2012).

## A LUTA CONTINUA, 40 ANOS DEPOIS: HISTÓRIAS ENTRELAÇADAS DA ÁFRICA AUSTRAL

em detrimento das pertenças étnico-regionais e outras formas de identidade locais (Imagem 1). Desta forma, estas organizações doutrinavam os seus membros sobre as virtudes da revolução e do marxismo-leninismo, auxiliavam no recrutamento de quadros para o Estado e agiam como uma base para o posterior desenvolvimento de partidos comunistas. Os níveis da participação direta da URSS na criação e funcionamento dessas organizações em África era variável. Em Angola, o Bloco de Leste ajudou diretamente o MPLA na criação de sua Juventude Nacional e da Organização dos Trabalhadores, e algumas dessas organizações foram criadas ainda no tempo da guerrilha, como a importante Organização das Mulheres de Angola, a OMA, e a União Nacional dos Trabalhadores de Angola - UNTA.

## Imagem 1. Marcha da Organização dos Pioneiros de Angola (OPA)

Fonte: Arquivo de Fotografias do MPLA, “A Foto”, Luanda, 1977

Se, no plano ideológico, o discurso do *homem novo* demonstrava o alinhamento de Angola à URSS, a carência económica com a qual o país sofria, aliada à insuficiência dos investimentos soviéticos nesta área, encorajou, por vezes, principalmente durante o governo de Agostinho Neto, a busca de possíveis caminhos de cooperação económica para além do Bloco socialista. Por exemplo, considerou-se uma eventual associação com

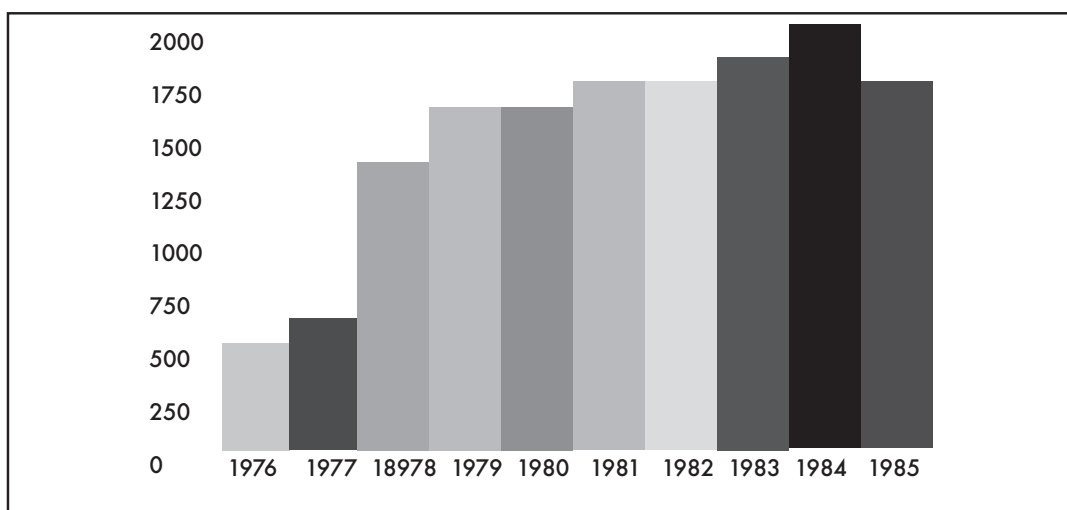
## REGARDS CROISÉS FRANÇA MOÇAMBIQUE

a Comunidade Europeia no âmbito da Convenção de Lomé<sup>187</sup>. No entanto, com o falecimento de Agostinho Neto, em 1979, em Moscovo, e a chegada ao poder de José Eduardo dos Santos, formado na URSS, houve um fortalecimento dos laços entre os dois países e um consequente encerramento das tentativas de se estabelecerem relações alternativas ou diversificadas.

### Conselheiros e intérpretes soviéticos em Angola

Os conselheiros e intérpretes soviéticos actuaram em todos os âmbitos mencionados acima, uma vez que estiveram estreitamente ligados à construção política, ideológica e, principalmente, militar do Estado angolano recém-independente. Conforme podemos observar na imagem abaixo (Gráfico 1), a presença militar soviética em Angola é considerável desde o primeiro ano após a independência, mas ganha grande importância no início dos anos 1980, chegando a cerca de 1.200 efectivos por ano, tendo posteriormente alcançado o número de 2.000 militares em meados dos anos 1980.

Gráfico 1. Angola: os conselheiros da URSS e da Europa Oriental, 1976 - 1985



Fonte: Ficheiros da CIA (modificado)<sup>188</sup>

<sup>187</sup> Ficheiros da CIA, "URSS: challenge to african policy", 4 de Abril de 1979, p. 16. CIA case file: CIA-RDP-79T00975A031300030002-9. "Disponível em: [http://www.foia.cia.gov/sites/default/files/document\\_conversions/5829/CIA-RDP79T00975A031300030002-9.pdf](http://www.foia.cia.gov/sites/default/files/document_conversions/5829/CIA-RDP79T00975A031300030002-9.pdf) (Acedido em 10 de Abril de 2016).

<sup>188</sup> Tabela elaborada a partir do documento: "Soviet Military Support to Angola: Intentions and Prospects", Outubro de 1985, p. 7. CIA case file : SNIE 71/11-85. Disponível em: [https://www.cia.gov/library/readingroom/docs/DOC\\_0000261290.pdf](https://www.cia.gov/library/readingroom/docs/DOC_0000261290.pdf) (Acedido em 10 de Abril de 2016).

## A LUTA CONTINUA, 40 ANOS DEPOIS: HISTÓRIAS ENTRELAÇADAS DA ÁFRICA AUSTRAL

Os conselheiros ocuparam funções vitais na organização, na formação e no equipamento das forças armadas – alguns estavam vinculados ao Estado-Maior e estavam profundamente implicados no planeamento e na realização das operações anti-insurrecionais<sup>189</sup>. Estrategistas soviéticos acompanhavam de perto o abastecimento de aviões de transporte, pilotados pelos soviéticos, levando carregamentos através do país para apoiar as operações de combate.

Os soviéticos insistiam igualmente na importância da formação de quadros locais: técnicos soviéticos de reparação de equipamentos sofisticados, tais como aviões e lançadores de mísseis, ensinavam nas academias militares. Por fim, um comissário político soviético era alocado a todos os serviços militares para garantir a “fidelidade política”. De facto, os soviéticos foram bastante eficientes no auxílio que prestaram para a construção de mecanismos internos de controle político, incluindo um aparelho de segurança interno omnipresente, uma imprensa controlada e programas de publicidade, bem como organizações de massa e doutrinação política.

Assim, com a manutenção da sua permanência e dos seus aliados no continente africano, a União Soviética reforçou o seu papel político na África Austral e no Chifre de África, onde obteve como contrapartida dos seus investimentos o acesso aéreo e naval, além da promoção da ideologia comunista nessas regiões. Além disso, ainda que a URSS não controlasse a política interna desses estados, alcançou ali níveis significativos de influência, através da presença contínua do seu pessoal. Ainda assim, procurou-se estabelecer os limites apropriados para estes níveis de intervenção no terreno africano. Por exemplo, os conselheiros soviéticos não estavam autorizados a tomar parte directamente nos combates, ainda que em algumas ocasiões a sua participação tenha sido inevitável, como ficou comprovado no depoimento de militares em campo (SHUBIN, 2007: 9). Havia, portanto, uma evidente preocupação em não interferir demasiadamente e utilizar, na medida do possível, substitutos ou intermediários de forma a minimizar os efeitos negativos que tal intervenção pudesse ocasionar aos olhos locais, regionais e internacionais. Desta forma, pretendia-se diminuir o impacto que os esforços de Moscovo em África pudessem ter nas relações Leste-Oeste.

<sup>189</sup> As tropas e os conselheiros cubanos em Angola também desempenharam um papel-chave no âmbito militar e civil, assim como houve uma importante participação de conselheiros da Alemanha do Leste a actuar na implementação e direcção dos serviços de segurança e informação, em troca, principalmente, do café, das matérias-primas e de fontes de energia africanas.

## REGARDS CROISÉS FRANÇA MOÇAMBIQUE

A partir da iniciativa dos combatentes soviéticos na guerra em Angola, foi criada a Organização dos Veteranos de Angola, para recolher e partilhar as experiências do contingente soviético naquele país. Através da mediação desta organização eu pude reunir as informações que a seguir menciono, à luz do apresentado anteriormente sobre a presença militar soviética em Angola. Através de entrevistas realizadas com veteranos em Moscovo, ou textos fornecidos por eles, eu procurei investigar três aspectos da experiência dos militares que serviram na guerra em Angola. Estes aspectos, expressos em perguntas, revelam o que estes indivíduos imaginavam sobre o continente africano antes de sua partida, bem como uma mudança de postura após a chegada: a) Como soube que iria para Angola?; b) Como foi o percurso até chegar a Angola?; c) Como foi a chegada e recepção em Angola?

Os números contabilizados pela OVA apontam para a presença de cerca de 60.000 soviéticos, entre civis e militares, em Angola entre 1975 e 1992. Entre eles, no mesmo período, estima-se que cerca de 13 mil soviéticos tenham trabalhado como conselheiros militares e especialistas. Entre os militares, podemos calcular a presença de cerca de mil a dois mil e quinhentos soviéticos por ano, dependendo do contexto em questão. Vale notar que os veteranos relatam que o número oficial divulgado pelo governo russo é bastante menor do que o fornecido pela OVA, porque não inclui os funcionários e militares alocados em navios ou tripulações de aeronaves e de transporte militar de longa distância, nem o pessoal de serviço que trabalhou nas bases técnicas.

Entre 1975 e 1991, os soviéticos em missão militar em Angola foram divididos em diferentes categorias, que incluíam consultores, especialistas técnicos, intérpretes e tradutores militares e comissários políticos. Havia também soldados, mas poucos, e o seu papel limitou-se a fornecer suporte para os oficiais que visitavam os campos de batalha. Ou seja, não houve contingente militar soviético em Angola como era o caso no Afeganistão, pois esta tarefa foi desempenhada pelos cubanos, que enviaram tropas regulares em apoio ao MPLA. É importante dizer que, ao contrário do que se deu com os cubanos, os soviéticos que serviram em Angola usavam uniformes oferecidos pelas Forças Armadas para a Libertação de Angola, FAPLA de ora em diante, e não o uniforme do exército soviético, precisamente numa tentativa de eliminar qualquer aspecto que pudesse ser associado a uma ocupação estrangeira.

## A LUTA CONTINUA, 40 ANOS DEPOIS: HISTÓRIAS ENTRELAÇADAS DA ÁFRICA AUSTRAL

Os assessores ou conselheiros militares eram oficiais de alta patente e estavam em Angola para ajudar as hierarquias superiores das FAPLA nas principais tomadas de decisão. Os técnicos especialistas asseguravam a formação de cubanos e angolanos na utilização de equipamentos de guerra fornecidos pela União Soviética em Angola. Os tradutores e intérpretes foram os que mais circularam, para além de representarem a maior parte do pessoal contratado. Eles estavam, efectivamente, em todo o lugar: acompanhando acções e reuniões. Sergei Kolomnin reportou, em entrevista que me foi concedida<sup>190</sup>, que estudou no Instituto Militar, o qual tratava da preparação de tradutores enquanto intérpretes militares, ou seja, que fossem capazes de traduzir termos e tácticas militares. Assim, mesmo antes de traduzir eles deveriam saber sobre a construção de tanques, dados sobre equipamentos, etc.. O curso completo tinha duração de cinco anos, três anos para a primeira língua e dois anos para a segunda, saindo do Instituto como intérprete militar em duas línguas. O Instituto oferecia ainda uma disciplina denominada “geografia militar”, na qual se estudava o país em questão em variados aspectos, tais como a sua população, composição étnica, línguas, história e tradições. A partir destes conhecimentos, acreditava-se, os intérpretes poderiam melhor auxiliar estes países amigos, primeiramente, a montar a sua estrutura do exército.

Os assessores militares eram pagos pelo governo soviético, e, em regra, viajavam para Angola de avião através de uma linha aérea regular da Aeroflot. Os especialistas – intérpretes, especialistas de comunicação e de rádio, etc. – eram pagos pelo governo angolano e viajavam para Angola nos Transportes Aéreos de Angola – TAAG –, com escala em Roma e no Congo Brazzaville. É importante referir que os tradutores e técnicos especialistas afirmam que nunca receberam a totalidade do valor dos salários que o governo angolano pagava (cerca de dois mil dólares). Geralmente, recebiam apenas um quarto do total (cerca de quinhentos e cinquenta dólares), sendo o restante confiscado pelo governo soviético. Portanto, tudo indica que houve lucro por parte da URSS pelo envio destes contingentes, uma vez que obteve uma contrapartida em *moeda forte*.

Os tradutores que se dirigiam para Angola estudavam português durante um ano, em duas horas diárias, antes de partirem. Como se poderia esperar, alguns chegavam ao campo sem dominar perfeitamente a língua, mas afirmam que falavam o suficiente para cumprir o papel que lhes era determinado. Muitos

<sup>190</sup> Entrevista realizada com Sergei Kolomnin pela autora, em Moscovo, Junho de 2009.

## REGARDS CROISÉS FRANÇA MOÇAMBIQUE

destes jovens, recrutados para actuar em países africanos e do Médio Oriente, buscavam um retorno financeiro que era significativamente maior do que o que poderiam obter nos seus países. E, embora na sua maioria não se considerassem bastiões da ideologia soviética, estavam longe de actuar como simples mercenários de guerra. Maxim Gladkov, intérprete soviético em Angola entre 1987 e 1988, conta-nos: "Hoje não me resta nada do dinheiro que recebi por trabalhar em Angola, mas o país ainda está nos meus pensamentos e no meu coração". Este caso não é isolado, muito pelo contrário: é fácil encontrar veteranos que cultivam boas memórias do tempo vivido no país.

Lembremos que a década de 1970 foi marcada por um relaxamento da Guerra Fria, incluindo negociações sobre armas balísticas. Foi este também o momento em que os soviéticos deixaram de reclamar para si a superioridade estratégica para defender e proclamar o princípio da paridade e do equilíbrio globais, o que incluiu um acordo sobre a não-participação ou diminuição da influência em "conflitos locais" ao redor do mundo. Desta forma, a intervenção em Angola significava comprometer a política de détente<sup>191</sup> e os acordos firmados em 1972, especificamente as Conversações sobre Limites para Armas Estratégicas (Strategic Arms Limitation Talks - SALT). Por esta razão, até muito recentemente, o governo russo não reconhecia os veteranos de guerra no chamado Terceiro Mundo enquanto participantes de missões militares, pois, na prática, isto representaria remunerá-los como tal. É também por esta razão que temos ainda pouco acesso às informações sobre as actividades desenvolvidas pelos militares em Angola, embora os veteranos estejam bastante empenhados em organizá-las e divulgá-las.

A primeira missão militar soviética chegou a Angola em 16 de Novembro de 1975, vindo de Pointe Noire, no Congo-Brazzaville (TOKAREV, 2001: 34-37). Como o veterano Tokarev, intérprete militar, relatou, o primeiro grupo de especialistas militares soviéticos, incluindo ele próprio, chegou a Brazzaville em 1 de Novembro de 1975, num TU-154 das linhas regulares da Aeroflot. A missão foi programada para durar seis semanas, com uma possível extensão, mas o grupo saiu de Angola após um ano e dois meses. A equipe tinha cerca de 20 membros e era liderada pelo Capitão Liachenko. Depois de quinze dias de espera, partiram de Pointe Noire

<sup>191</sup> N.T. Termo de origem francesa que indica justamente este "relaxamento" das tensões da Guerra Fria ao longo da década de 1970.

## A LUTA CONTINUA, 40 ANOS DEPOIS: HISTÓRIAS ENTRELAÇADAS DA ÁFRICA AUSTRAL

num avião soviético AN-12, para Luanda, supervisionados pelo coronel Trofimenko. Ali encontraram outros soviéticos, de maneira que o número de pessoas que compunha a missão subiu para 40 homens. Muitos dos especialistas haviam sido seleccionados no Centro de Instrução Perevalnoie, na Criméia, conhecido pela dureza da experiência de combate, e onde foram formadas algumas centenas de combatentes enviados para as guerras de natureza assimétrica, como a de Angola.

A partir de 1979, começou a ocorrer que alguns peritos e intérpretes, originalmente informados sobre sua ida para o Afeganistão, passavam a descobrir que na verdade seriam enviados para Angola apenas alguns dias antes da viagem (ou mesmo no próprio dia). Muitos destes não eram sequer informados de que a sua missão tinha por objectivo auxiliar o governo angolano na guerra, e ainda menos que eles seriam enviados para as frentes de luta no interior do país. Os únicos que não corriam o risco de viver uma tal situação eram os assessores em posições mais altas, melhor qualificados, cujos destinos eram previamente bem conhecidos. Para os militares, no entanto, além de não saberem de antemão sobre a sua ida para Angola, por muitas vezes, como os seus testemunhos revelam, nem sequer sabiam a localização precisa do país ou a natureza do conflito que se desenrolava ali. Este é o caso do veterano Tsipilev, que foi originalmente enviado para a Angola numa pretensa missão de protecção à embaixada soviética em Luanda. Só muito mais tarde recebera informações sobre o país e sobre a guerra travada com a África do Sul. Tsipilev embarcou num navio BDK-037, em 15 de Janeiro de 1980. A viagem para Luanda duraria duas semanas, mas, com um problema experienciado no motor, apenas desembarcaram em Luanda em 9 de Fevereiro. Na cabine projectada para 300 pessoas iam apenas 84, uma vez que transportavam uma grande quantidade de lançadores de granadas automáticos AGS-17<sup>192</sup>.

Para além do desconhecimento dos militares sobre o objectivo da viagem que fariam, é possível perceber que a África, e mais especificamente Angola, não eram objecto regular de estudo em academias militares, nem mesmo matéria esporádica de jornais impressos ou televisivos, tal era a distância (em termos geográficos e culturais) que se manifestava entre a URSS e os países africanos sobre os quais esta actuava. Além disso, como muitos outros, Tsipilev tinha sido especificamente instruído a não revelar à sua

<sup>192</sup> Relato de V. Tsipilev, Disponível em: <http://www.veteranangola.ru/main/vospominaniya/Thcepilov> (Acedido em 10 de Abril de 2016).

## REGARDS CROISÉS FRANÇA MOÇAMBIQUE

família a localização exacta de seu posto, mas sim que viajaria em negócios. Estes testemunhos mostram a complexidade das rivalidades Leste-Oeste durante a Guerra Fria, e confirmam a preocupação em evitar possíveis tensões derivadas do embarque de tropas para as chamadas “zonas de conflito”.

Num outro caso, o militar aposentado Vadim Sagachko conta que foi informado que viajaria para Angola numa missão prevista para durar três anos<sup>193</sup>. No dia do embarque, em 1988, um funcionário repetiu a todos os recrutas as mesmas perguntas: “embarque voluntário?”; “algum problema de saúde?”. Depois disso, um agente recebia os papéis e classificava-os de acordo com o destino: desde Angola, Etiópia e Moçambique até Cuba, Argélia e Vietname. Sagachko esteve em Angola, entre 1988 e 1990, actuando como conselheiro para agricultura e conselheiro militar, tendo posteriormente consolidado a sua carreira militar na Defesa Civil em Moscovo. Durante o tempo em que esteve em África, serviu no Luena e no Lubango, actuando como conselheiro político do MPLA. Também actuou no Cuito Cuanavale como conselheiro de infantaria, entre 1988 e 1989, depois de trabalhar na preparação de oficiais e soldados nos combates da frente sul, contra os sul-africanos, em Agosto de 1988<sup>194</sup>.

Outro veterano, Sergei Kolomnin, contou-me que actuou como tradutor militar em Angola na década de 1970, e mencionou que até mesmo as tropas cubanas tinham ordens de agir apenas contra os soldados estrangeiros do Zaire e da África do Sul, mas de não abrir fogo contra os guerrilheiros da UNITA, pois em relação a estes últimos era-lhes permitida apenas a auto-defesa. Nesse sentido, o veterano também afirmou que o objectivo principal da presença soviética era ajudar os angolanos a responder à agressão da África do Sul e que, portanto, não se tratava de uma guerra contra a UNITA. Kolomnin esteve em Angola duas vezes: em 1977 e 1978 trabalhou como intérprete militar, e de 1980 a 1983 actuou nos serviços de contra-propaganda, uma secção especial da Divisão Política Principal voltada para a desorganização moral do inimigo. Como o seu testemunho revela, para o pessoal soviético em Angola era importante, talvez como forma de auto-justificação, a ideia de que estavam ali somente porque havia uma guerra transnacional em curso, e que uma vez que os parceiros angolanos estavam

<sup>193</sup> Relato de Vadim Sagachko. Disponível em: [http://www.veteranangola.ru/main/Proekt1/eduvangolu/vad\\_sagachko](http://www.veteranangola.ru/main/Proekt1/eduvangolu/vad_sagachko) (Acesso em 05 de Abril de 2016).

<sup>194</sup> Entrevista com Vadim Sagachko realizada pela autora, Moscovo, Junho de 2009.

## A LUTA CONTINUA, 40 ANOS DEPOIS: HISTÓRIAS ENTRELAÇADAS DA ÁFRICA AUSTRAL

sendo atacados por dois exércitos estrangeiros, nada mais justo do que apoiá-los com meios e homens<sup>195</sup>.

Já o soldado Daniyal Gukov relatou que de todas as informações recebidas antes do embarque, a única verdadeira era o facto de que Angola ficava na África e a pele da maioria dos angolanos era mais escura do que a dele. Contou também que, ainda antes do embarque, um comissário político que havia estado em África disse-lhe, em tom jocoso, que levasse um sabão para lavar as bananas antes de comê-las<sup>196</sup>. Esta anedota confirma que entre os quadros da URSS havia um grande desconhecimento sobre o continente africano, o que se mostra ainda mais problemático se considerarmos que esses indivíduos frequentavam academias militares e tinham acesso aos meios de imprensa. Gukov termina o seu relato a contar que recebera, antes de embarcar, roupas adequadas para o clima quente bem como uma garrafa de conhaque. Invariavelmente, os soviéticos falavam sobre o calor, o suor e os mosquitos, ao mesmo tempo que procuravam familiarizar-se com as condições sanitárias em Angola.

O que podemos perceber a partir destes testemunhos é que a participação soviética na guerra em Angola, entre 1975 e 1991, foi muito mais intensa do que antes se sabia. De facto, as impressões pessoais desses homens são quase sempre carregadas de um misto de admiração e espanto: o poder de uma natureza exuberante e cheia de vapor, as precárias condições de vida da população, a dificuldade de se adaptar à cultura e à realidade social de uma guerra irregular para a qual não estavam, de todo, preparados. Chama a atenção a imaginação que os veteranos ainda nutrem sobre esse espaço onde a natureza e o clima são entendidos como algo perigoso e quase sobrenatural, com vida própria, simbolizados pelos pequenos insectos e as doenças que carregam. Algo, na verdade, bastante semelhante ao cenário retratado nos poemas infantis "Aybolit e Barmaley", escritos pelo russo Korney Chukovsky no início do século XX, e que foram transformados em filmes a partir da década de 1930, ganhando grande repercussão no mundo russo-soviético. Esses poemas geraram numerosos bordões, como o "Ne hodite deti v Afriku gulyat"<sup>197</sup>. Este verso figura numa fonte da cidade de Volgogrado, na qual estão representadas crianças a brincar de ciranda em redor de um crocodilo. A alegoria do monumento remete para

<sup>195</sup> Entrevista com Sergei Kolomnin realizada pela autora, Moscovo, Junho de 2009.

<sup>196</sup> Relato de Daniyal Gukov. Disponível em [http://www.veteranangola.ru/main/vospominaniya/dan\\_gukov](http://www.veteranangola.ru/main/vospominaniya/dan_gukov) (Acessado em 05 de Abril de 2016).

<sup>197</sup> Em português: "Crianças, não vão à África a passeio".

## REGARDS CROISÉS FRANÇA MOÇAMBIQUE

o poema de Chukovsk: “Criancinhas!/ Por nada no mundo/ Não vão para a África/ Não vão para a África para um passeio!/ Na África, há tubarões,/ Na África, existem gorilas,/ Na África, há grandes crocodilos”<sup>198</sup>.

Lido juntamente com os testemunhos acima destacados, este poema mostra-nos que o imaginário russo-soviético sobre a África é extremamente complexo, múltiplo e imbuído de contradições e desconhecimentos. Ao lado da ideologia marxista, que sustentava a ideia de uma solidariedade revolucionária transnacional, imaginários mais arraigadas sobre a “África Negra” também contribuíram para as percepções e ideias que o pessoal soviético destacado fazia do continente: um local perigoso e pouco saudável para os estrangeiros; mesmo porque, logo à chegada, estes soldados, tradutores e especialistas eram muitas vezes conduzidos para os cenários de batalha, situados no interior e geralmente apresentando condições precárias. Que esse terreno, próprio de uma guerra de guerrilha, fosse de difícil compreensão para militares soviéticos de formação clássica só vem sublinhar as complexidades e as várias instâncias de desconhecimento, envolvidas na “campanha africana” da URSS.

<sup>198</sup> Tradução da autora. Poema disponível em : <http://quuxuum.tumblr.com/post/117242237572/23-августа-1942-года-в-сталинграде-фото-эмануила> (Acessado em 20 de Abril de 2016).

## Conclusão

A primeira vez que a Rússia interveio militarmente, ainda que indirectamente, em confrontos na região austral de África foi há mais de um século, quando cerca de 200 voluntários russos, incluindo oficiais, se juntaram aos *boers* na guerra contra o Império Britânico (1899-1902). Este facto pode ser explicado pela grande rivalidade entre a Rússia e o Reino Unido na altura, uma vez que o conflito anglo-boer começou ao mesmo tempo em que a rivalidade russo-britânica se acirrava na Ásia Central, por causa da Guerra da Criméia (1853-1856), o que exasperou as relações entre os dois impérios (DAVIDSON e FILAYOVA, 1999). Embora o período revolucionário tenha aberto possibilidades de contacto com o continente, as questões africanas permaneceram em segundo plano no período entre guerras. O quadro mudou levemente após o final da Segunda Guerra Mundial, pois então as políticas soviéticas passaram o olhar para a África no contexto da emergente Guerra Fria.

Com a chegada de Nikita Krouchtchev ao poder, em 1953, a política externa da URSS evoluiu de uma visão territorial, focada na segurança da Europa, para uma percepção mais global, marcada por uma guinada em direcção ao Terceiro Mundo (LEVESQUE, 1997: 7). Neste momento dá-se início à primeira fase de apoio soviético aos países que emergiam da desintegração dos impérios europeus em África e na Ásia. Instigada principalmente pela rivalidade militar com a outra superpotência, os EUA, a União Soviética passou a conceder suporte político e assistência militar, directos ou indirectos, a movimentos revolucionários em diversos países, do Vietname a Angola, da Etiópia ao Afeganistão. A isso somava-se o apoio diplomático, favorável à descolonização e às revoluções, expresso em importantes espaços internacionais, tais como a ONU. De facto, a URSS passou a incluir o apoio à “luta do povo pela libertação nacional e progresso social” como um dos objectivos da política externa soviética, tal como previsto na Constituição de 1977.

A “Missão Militar Soviética em Angola”, como foi rapidamente chamada, justificava-se publicamente, em Moscovo, como sendo uma contrapartida legalmente estabelecida para apoiar o governo independente de Angola contra forças rebeldes apoiadas por exércitos regulares estrangeiros - do Zaire e da África do Sul – que recebiam incentivo financeiro dos EUA. Dentro dessa narrativa, a atitude formal da URSS em relação ao governo angolano foi a de um apoio a todos os níveis, desde o militar até acordos económicos e comerciais, com a ressalva de evitar interferir em assuntos de

## REGARDS CROISÉS FRANÇA MOÇAMBIQUE

natureza doméstica, o que poderia, na perspectiva soviética, ser compreendido como uma forma de “ingerência”, tanto do ponto de vista local como internacional. As trocas entre os dois países permitiram a manutenção do governo do MPLA, bem como contribuíram para o seu reconhecimento internacional. Por outro lado, a extensão do auxílio prestado a Angola demonstra que o quadro da Guerra Fria alterou as convicções históricas e políticas dos governantes russos, pois durante pelo menos dezasseis anos, ou seja, entre 1975 e 1991, estes empenharam-se em mostrar a sua força e presença muito para além das suas fronteiras e do mundo soviético: em África. Ainda assim, como os testemunhos dos veteranos revelaram, este projecto político não foi uniforme na sua execução, ou ideologicamente monolítico; pelo contrário, mostrou-se tão complexo e dinâmico como o contexto histórico no qual emergiu.

## Referências Bibliográficas

- CHALIAND, Gérard, 1985, *Terrorismes et guérillas*, Flammarion, Paris
- CHALIAND, Gérard, 1994, *Stratégies de la guérilla*, Payot, Paris
- DAVIDSON, Apollon Borisovich e FILATOVA, Irina, 1999, *The Russians and the Anglo-Boer War: 1899-1902*, Human & Rousseau, Cape Town
- DER HEYDTE, Friederich A. V., 1990, *A Guerra Irregular Moderna. Em políticas da defesa e como fenômeno militar*, BIBLEX Editora, Rio de Janeiro
- EDWARD, George, 2003, *Cassinga Raid*, Tese de Mestrado defendida na Universidade da África do Sul, Pretória
- ESTADOS UNIDOS DA AMÉRICA, 2007, *The US Army/Marine Corps counterinsurgency field manual*, Chicago University Press, Chicago
- GAIDUK, Ilya, 2012, “Southeast Asia in Soviet Cold War Strategy: Lessons and Aftermath”, in JOURNOUD, Pierre (Dir.), *L'évolution du débat stratégique en Asie du Sud-Est depuis 1945*, Institut de Recherche Stratégique de l'École Militaire, Paris, pp. 69-90
- GALULA, David, 1964, *Counter-insurgency Warfare: Theory and Practice*, Praeger, London/New York
- GROMIKO, Anatoly, 1983, *Africa: progress, problems, prospects*, Progress Publishing, Moscovo
- KITSON, Frank, 1971, *Low intensity operations, subversion. Insurgency and peace keeping*, Faber & Faber, London
- LEVESQUE, Jacques, 1997, “Quelques paradoxes de la politique internationale de l'URSS”, in *Communisme. Revue d'Études Pluridisciplinaires*, no 49-50, pp. 7-15
- LOPES, Carlos, 1982, *Etnia, Estado e Relações de Poder na Guiné-Bissau*, Lisboa, Edições 70
- MPLA, 1977, *Documentos e Teses do 1o Congresso*, Jornal de Angola, Luanda
- REESE, Roger, *The Soviet Military Experience*, Routledge, London/New York
- SHUBIN, Gennady, 2007, *The Oral History of Forgotten Wars. The Memoirs of Veterans of the War in Angola*, Memories, Moscovo
- TOKAREV, A., 2001, “Uma Missão em Angola”, in *Азия и Африка сегодня*, Outubro, pp. 34-37
- WOLF Jr., Charles, 1965, *Insurgency and Counter Insurgency: new myths and old realities*, Rand Corporation, Santa Monica